XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

A NOTÍCIA DO CRIME: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ASSASSINATO DE MULHERES NOS JORNAIS CEARENSES[1]

Ana Julieta Parente Balog
julietaparente@yahoo.com.br
UNESP/FCLAr
Brasil

[1] Este trabalho é parte dos resultados obtidos na minha monografia, apresentada em 2016 à Universidade Estadual do Ceará.

RESUMO

A tipificação do feminicídio como crime hediondo no Brasil, em 2016, deu-se após um longo e permanente período de luta pelos direitos das mulheres e da erradicação da violência doméstica e familiar da qual elas são as principais vítimas. A mídia tem desempenhado um importante papel em prol desses direitos e na problematização dessa modalidade de violência. Contudo, é instituição social, portanto contraditória: não raro, tem contribuído para minimizar a gravidade dos fatos, quer quando trata a violência contra a mulher como algo localizado e pontual ou quando a normaliza. O presente trabalho tem como objetivo entender as representações veiculadas nos jornais cearenses acerca do assassinato de mulheres, o feminicídio, a partir da análise das notícias veiculadas. Para tanto, realizou-se uma análise documental: foram selecionadas as notícias sobre esse tipo de homicídio impressas nos jornais de maior circulação do estado, *O Povo* e *Diário do Nordeste,* publicados entre março e setembro de 2015, totalizando 428 periódicos. Visando caracterizar a forma como as notícias são veiculadas foi feita uma análise de conteúdo temática, na qual as mesmas foram agrupadas a partir dos seguintes parâmetros: quantidade de repetições, o espaço que ocupavam no jornal, se possuíam imagens, se foram manchete no dia de sua veiculação etc. Posteriormente, foi realizada análise com base nos parâmetros estabelecidos por Bardin (1977): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretações. Foi utilizando também a teoria das representações sociais de Moscovici (2015) e Jodelet (2001). Assim, após sistematizar e analisar as representações implícitas nas notícias, concluiu-se que elas normalizam o comportamento dos agressores e não problematizam os casos veiculados, e.g., palavras-chave como “ciúmes” e “inconformado”, inferências sobre traição ou separação se apresentam como possíveis explicações para a violência nos textos. Destarte, ao serem impressas dessa forma, tais notícias, corroboram a perpetuação da violência contra a mulher.

Palavras-chave

representação. mídia. notícia. feminicídio.

ABSTRACT

The typification of femicide as a heinous crime in Brazil in 2016 came after a long and permanent period of struggle for women's rights and the eradication of domestic and family violence of which they are the main victims. The media has played an important role in favor of these rights and in the problematization of this modality of violence. However, it is a social institution, therefore contradictory: it has often contributed to minimize the seriousness of the facts, either when it treats violence against women as localized and punctual or when it normalizes it. The present work aims to understand the representations made in the Ceará newspapers about the murder of women, feminicide, based on the analysis of the news stories. To do so, a documentary analysis was carried out: news reports on this type of homicide were published in the state's largest circulation newspapers, O Povo and Diário do Nordeste, published between March and September 2015, totaling 428 periodicals. Aiming to characterize the way the news is transmitted, a thematic content analysis was done, in which the same were grouped according to the following parameters: number of repetitions, the space they occupied in the newspaper, if they had images, if they were headlines on the day of your placement, etc. Subsequently, an analysis was performed based on the parameters established by Bardin (1977): pre-analysis, material exploration and treatment of results and interpretations. It was also using the theory of social representations of Moscovici (2015) and Jodelet (2001). Thus, after systematizing and analyzing the implied representations in the news, it was concluded that they normalize the behavior of the aggressors and do not problematize the cases conveyed, e.g., keywords like "jealousy" and "nonconformist", inferences about betrayal or separation are presented as possible explanations for the violence in the texts. Thus, when printed in this way, such news corroborates the perpetuation of violence against women.

Keywords

representation. media. news. feminicide.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil ainda figura entre as nações que mais violentam e matam mulheres no mundo. Esta violência decorre das relações historicamente desiguais entre homens e mulheres, calcadas na discriminação, na subordinação e no abuso de poder, o que está presente também em vários outros países.

A luta pela igualdade de gênero e, consequentemente, pelo fim da violência contra a mulher foi e continua sendo a principal pauta do movimento feminista. Este, juntamente a outros movimentos, conseguiu no ano de 2006 a aprovação da lei nº 11.340, a Lei Maria da Penha. Esta lei criou mecanismo para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, principalmente no que diz respeito ao acolhimento da vítima e sua proteção. Foi um marco não só no judiciário, mas para o próprio movimento feminista.

No entanto, mesmo após a entrada em vigor de leis que buscam coibir este tipo de violência, os casos só tiveram um leve recuo (no ano de aprovação da lei e no seguinte), voltando a aumentar logo em seguida. Desta forma, no ano de 2015 foi aprovada a lei que qualifica o feminicídio como crime hediondo, tornando o assassinato de uma mulher em decorrência de seu gênero um homicídio qualificado. Esta conquista ocorreu após quase dez anos da criação da Lei Maria da Penha e a contínua luta dos movimentos sociais pelo combate a violência contra a mulher e a desigualdade entre os gêneros.

Leis como estas, que buscam não só o coibir a violência contra a mulher, mas criar um aparato que a previna e possibilite a construção de uma sociedade mais igualitária, seja por meio de currículos escolares que visem a promoção da igualdade de gênero, pelo incentivo a pesquisa na área como meio de descobrir suas causas e consequências, capacitação de profissionais que lidam diretamente com as vítimas etc. são de extrema importância para a diminuição de casos de violência doméstica e familiar contra a mulher.

Apesar desses avanços, há outros fatores relevantes para a perpetuação da violência, um deles é o papel que os meios de comunicação têm na promoção da igualdade de gênero, visto que a

violência contra a mulher de modo geral e o feminicídio de modo particular são fenômenos culturais e estruturais.

O papel da mídia na visão do senso comum sobre a violência, seja ela sofrida ou praticada, é crucial para situar os sujeitos que se envolvem em episódios de violência. Ela tem o poder de formar opiniões, pois informa a população sobre os crimes que ocorreram, caracteriza os agentes da violência, apresenta os motivos que justificam assassinatos e reforça valores, tais como "bem" e "mal"; "certo" e "errado" etc. Mulheres envolvidas em episódios de violência podem ser facilmente convertidas em "santas" ou em "putas".

Nesse sentindo, a representação desses crimes é de extrema importância, porque estas podem contribuir ou não para a perpetuação de uma cultura que justifique e banalize a violência contra a mulher.

Tendo isso em vista, o trabalho se propõe a entender *quais são as representações sociais veiculadas nos jornais cearenses acerca do feminicídio*.

Este trabalho está dividido em quatro partes: a primeira é esta, a introdução; a segunda, metodologia; a terceira parte trata da mídia e das representações; e, por fim, a quarta, conclusão.

2. METODOLOGIA

Para investigar como o assassinato de mulheres é representado e compreender o que permeia o imaginário popular acerca dos feminicídios divulgados nos jornais, a escolha da categoria "representação social" se fez necessária.

O conceito de representação social, que possui origem na sociologia de Durkheim[2], pode ser definido como sistemas de interpretação que regem a relação dos sujeitos com o mundo e com os outros, podendo ser produtos tanto de ideias socialmente reproduzidas quanto de modificações ocorridas por intervenções históricas e sociais (CAVALCANTI; GOMES; MINAYO, 2006).

[2] Durkheim cunhou o termo "representações coletivas" para elaborar sua teoria da religião. Na psicologia social – disciplina de caráter misto, situada entre as ciências psicológicas e ciências sociais – o conceito tornou-se bastante empregado para dizer da forma como indivíduos e grupos expressam a realidade.

Para as Ciências Sociais, por exemplo, as representações são categorias que expressam a realidade, explicando-a, justificando-a ou questionando-a. Não há um consenso geral entre os sociólogos clássicos sobre o que é representação social. Na síntese das ideias mais aceitas pelos autores clássicos, as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam (MINAYO, 2002). Podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais, não sendo um simples reflexo do real, mas algo que ultrapassa o ser, como fenômeno coletivo que é, expressam-se:

> em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais. Sua mediação privilegiada (...) é a linguagem, tomada como forma de conhecimento e de interação social (MINAYO, 2002, p. 108).

São uma forma de conhecimento, "socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social" (JODELET, 2001, p. 22). Não são obrigatoriamente conscientes, podendo até ser elaboradas em determinado período histórico, mas perpassa, o conjunto da sociedade, como algo anterior e habitual. Ademais, "podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social e também para a ação pedagógico-política de transformação, pois retratam e refratam a realidade segundo determinado segmento da sociedade" (MINAYO, 2002, p. 110).

As representações dão uma forma definitiva a objetos, pessoas ou acontecimentos, localizam categorias e as progressivamente as transformam num determinado modelo que é partilhado por um grupo de pessoas. Elas são impostas sobre nós, ao tempo que são produto de elaborações e mudanças que ocorrem ao longo de gerações (MOSCOVICI, 2015).

As representações também

> orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Destarte, sabendo que as representações possuem desdobramentos que podem acabar por naturalizar fenômenos sociais como o da violência doméstica e familiar contra a mulher e contribuir

para o seu crescimento, entende-se ser necessária uma discussão sobre que representações estão sendo transmitidas à população por meio das notícias veiculadas diariamente nos jornais.

A pesquisa se caracteriza como documental. Foi realizada uma análise de conteúdo, utilizando um conjunto de técnicas de análise das comunicações, objetivando alcançar, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, parâmetros (quantitativos ou não) que permitiram "a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens" (BARDIN, 1977, p. 42).

Foi feita a análise das notícias de feminicídio veiculadas nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste* entre o período de março de 2015 (mês da criação da qualificadora de feminicídio) e setembro de 2015, totalizando 428 periódicos pesquisados. Foram selecionadas 70 notícias[3] para extrair destas informações que pudessem caracterizar a própria notícia.

Ao caracterizar as notícias, procurou-se responder às seguintes perguntas: a) Qual o espaço físico que a notícia ocupava no jornal?; b) A notícia era manchete?; c) Ela possuía fotografias?; d) Se possuía, quantas fotografias?; e) Quantas vezes a mesma notícia se repetia no mesmo jornal?[4]; e f) Qual o conteúdo das reportagens?

3. A MÍDIA E AS REPRESENTAÇÕES

3.1 Mídia e violência

A sociedade se constitui por meio da comunicação. Sendo o conteúdo da comunicação a expressão da vida da sociedade: passado, presente, futuro e o resultado disto, o compartilhamento de vivências entre as pessoas de todas as gerações. Esse processo comunicacional possibilita os avanços progressivos da sociedade, sempre em níveis cada vez mais complexos (GOMES, 2016).

Desta forma, dada a singularidade da pessoa humana, por meio do fenômeno da cognição, cada indivíduo observa, percebe e reage de uma forma própria e a soma dessa percepção forma o sentimento coletivo (CRUZ, 2009, p. 22). Todavia, mesmo o fenômeno da cognição sendo individual,

[3] De todos os periódicos analisados, foi possível encontrar 70 notícias que falavam sobre feminicídio.
[4] Quantas vezes determinado crime e/ou notícia foi veiculado dentre todos os jornais analisados de determinado grupo jornalístico – O Povo ou Diário do Nordeste.

o ser depende do que lhe é informado para formar sua opinião e a notícia, por vezes não faz o seu papel de informar o leitor da melhor maneira possível, seja não indo a fundo à sua investigação, ou porque o grupo ao qual está ligada defende interesses que vão de encontro, ou não, ao que noticia, ao mesmo tempo que enquanto produto comercial, é produzido para que sua venda seja fácil e rápida, podendo fazer com que alguns informes sejam mais exagerados do que realmente são, como forma de chamar atenção. A notícia é, assim, uma

> informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais: para isso a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político (MARCONDES FILHO, 1986, p. 13).

A mídia utiliza-se do seu poder de alcance para além de informar, formar opiniões sobre determinados assuntos – inevitavelmente em detrimento de outros assuntos. Ela se apropria de conteúdos e os trabalha por meio dos processos de significação e socioculturais, movimento este que acontece dentro dos contextos dos processos midiáticos (GOMES, 2016). Não há o interesse dos grandes veículos de comunicação do Brasil de mudança do *status quo*, muito menos de discussão de ideias que possam lhe prejudicar. Assim, apesar da cognição, as formas de comunicação têm um papel fundamental na formulação da ideia de mundo ou da cultura de dada sociedade, uma vez que ela busca normalizar certos comportamentos por meio da incessante repetição do mesmo assunto – acabando por banalizá-lo – juntamente a falta de discussão aprofundada do tema. Para elucidar isto, posso citar o *boom* de programas televisivos do Brasil sobre violência que possuem assustadores níveis de audiência, contribuindo para o aprofundamento de uma cultura de medo na sociedade.

Falar de violência, aliás, tornou-se bastante rentável para vender notícias – seja de forma televisiva ou impressa. Quanto mais detalhes são relevados, mais expectadores o jornal consegue e, consequentemente, mais lucro. Não raro são as notícias aos pedaços, aquelas que são fragmentadas, para que a cada novo dia se possa noticiar um novo fato sobre o mesmo assunto e mesmo que este novo fato não exista, a repetição ainda pode ocorrer.

O caso Mércia Nakashima se encaixa perfeitamente aqui. A vítima, que foi afogada dentro do próprio carro, trancada na represa de Nazaré Paulista, interior de São Paulo, teve a sua violência

exaustivamente explorada pela mídia. Além das inúmeras reportagens, com imagens e interpretações excessivamente repetidas e exploradas, levando a conclusão de que, para ganhar audiência tudo se justificava (CARVALHO; FREIRE; VILAR, 2012). O julgamento deste caso foi histórico na comunicação e no direito, pois foi o primeiro a ser transmitido ao vivo pela TV, rádio e internet na história do país (OLIVEIRA, 2003).

No Ceará, um recente caso que chocou os moradores da região foi o assassinato de uma mulher e sua filha (de oito meses) pelo marido. O crime ocorreu numa madrugada de domingo, na cidade de Paracuru, litoral do estado. Após uma discussão com a esposa, o homem esperou que a vítima dormisse para só então deflagrar os tiros contra mãe e filha. O crime só foi reportado à polícia no dia seguinte, ainda sob a tentativa – sem êxito – de simular que o caso fora um latrocínio. O autor do crime acabou por ser preso e posteriormente indiciado pela polícia, mas o que se seguiu após isso foi uma superexploração da imagem das vítimas, principalmente da mulher mais velha, da relação que o casal tinha[5], de todos os detalhes do crime, de declarações do assassino, de choros de tristeza e angústia da família da vítima etc. Todos os meios de comunicação local noticiaram o caso, inclusive os jornais impressos que detalhavam e recontavam o crime quase que diariamente até um mês depois do ocorrido.

Esse crime foi detalhado numa série de notícias publicadas seguidamente, sobre o andamento das investigações e declarações sobre o crime etc.

Quadro 1.

Jornal Diário do Nordeste	**Jornal O Povo**
23/08/2015 – Mãe e bebê de 8 meses são assassinados em Paracuru. *24/08/2015* – Homem confessa ter matado a mulher a filha de oito meses de idade. *24/08/2015* – Suspeito de matar esposa e filha de 8 meses possuía arsenal com 10 armas de fogo	*24/08/2015* – Homem é preso suspeito do assassinato da esposa e da filha em Paracuru. *24/08/2015* – Pai confessa ter matado filha e esposa em Paracuru.

[5] Diário do Nordeste. 1 de setembro de 2015. “Acusado de matar mulher e filha tinha amante, diz Polícia”.

24/08/2015 – Emoção marca sepultamento de mulher e bebê de 8 meses mortas a tiros em Paracuru	*25/08/2015* – Marcelo Barbarena confessa ter matado esposa e bebê a tiros.
25/08/2015 – Suspeito confessa o crime e Polícia Civil busca os motivos.	*25/08/2015* – Após seis horas, polícia encerra nova rodada e depoimentos.
28/08/2015 – Esposa comprou presentes para marido antes de ser morta.	*26/08/2015* – Polícia busca traçar rotina do casal Marcelo e Adriana.
29/08/2015 – Missa é celebrada pela família.	*27/08/2015* – Pai da vítima presta depoimento e diz que Marcelo não queria familiares em Paracuru.
31/08/2015 – Polícia Civil divulga laudo do duplo homicídio que vitimou mãe e filha em Paracuru.	*28/08/2015* – Para advogado da família da vítima, crime foi premeditado.
31/08/2015 – Amante de homem que matou mulher e filha presta depoimento.	*31/08/2015* – Marcelo mantinha relacionamento com universitária e mentia sobre separação, diz advogado.
01/09/2015 – Acusado de matar mulher e filha tinha amante, diz Polícia.	*01/09/2015* – Marcelo Barbarena deve ser indiciado hoje.
02/09/2015 – "Ele é um monstro", diz delegada.	*02/09/2015* – Marcelo é indiciado por duplo homicídio triplamente qualificado.
11/09/2015 – Gaúcho é denunciado por mortes em Paracuru.	*14/09/2015* – Defesa pedirá análise mental de acusado de duplo homicídio em Paracuru.
13/09/2015 – Sob gritos de 'assassino covarde', Polícia realiza reconstituição de duplo homicídio Paracuru.	
14/09/2015 – Mulher foi morta enquanto dormia.	

Fonte: Elaboração própria.

Fica clara a naturalização e espetacularização do fenômeno da violência por parte da mídia brasileira. Importa pouco a informação – e importa menos ainda qualquer discussão construtiva que

busque findar com esse tipo de violência –, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos (CARVALHO; FREIRE; VILAR, 2012).

Além disso, a forma como tais notícias são transmitidas também é bastante problemática. O título de uma notícia diz muito sobre como ela será recebida, interpretada e representada pelo leitor. Em casos de violência contra a mulher, por exemplo, a forma como a transmissão é realizada diz muito sobre como a sociedade enxerga e continuará enxergando tais crimes. Chamar de passional um crime que é claramente de ódio trata-se de minimizar a violência praticada, ou usar termos que possam colocar em dúvida a denúncia de agressão, desqualificar a voz de uma mulher agredida, como se o que ela fala não fosse real ou ainda caracterizar o ofensor como "um monstro", sem problematizar as causas sociais desses crimes. E isso acontece todo dia.

"Inconformado" é um termo frequentemente utilizado para dizer de homens que não aceitam iniciativas de mulheres em pôr fim no relacionamento, por acreditarem que a mulher é uma posse, um objeto que lhe pertence ou para o exercício do pretenso direito de violentá-la de todas as formas possíveis, de destruir a vida, que, para muitos agressores parece não ter valor algum. Numa simples pesquisa no *Google* usando a palavra-chave "inconformado" é possível encontrar diversas matérias. Quadro 2.

"Inconformado com o fim de namoro, jovem mata universitária no interior de SP." (R7, 2016)
"Inconformado com o fim de namoro, homem ateia fogo na casa de ex." (G1, 2015b)
"Inconformado com o fim de relacionamento, homem mata filha da ex para se vingar." (R7, 2015)
"Inconformado com o fim de namoro, homem tenta matar mulher em São Vicente." (A TRIBUNA, 2015)

Fonte: Elaboração própria.

No processo de comunicação dos crimes, há circulação de conteúdos que, elaborados socialmente, produzem resultados práticos e simbólicos. Existem relações diretas, imediatas, e relações indiretas, mediadas pela mídia nos seus processos de significações sociais. Um processo de

significação que contempla a construção do discurso nas suas diversas configurações – tanto construções verbais como não verbais, por imagens, gestos e ações (GOMES, 2016).

A mídia, enquanto veículo que possui um papel de extrema importância na divulgação desses crimes, tem o poder de transformar as representações já existentes dos mesmos, de produzir uma discussão que colabore para o fim do machismo ou de contribuir para a permanência do imaginário social sobre a motivação e justificação dos crimes. Logo, o indivíduo não é o único responsável por construir uma dada representação; existem relações que mantém essa representação, neste caso, a mídia (GOMES, 2016).

3.2 Características da notícia

Quanto a caracterização do crime, observou-se que o espaço físico que cada notícia ocupava no jornal está diretamente ligada ao tipo de conteúdo. 36% ocuparam meia página do jornal, seguidas 26% com 1/4 de página e 24% com 1/8 de página. Apenas 14% das notícias ocuparam uma página inteira, estas envolviam casos e/ou reportagens sobre o feminicídio, destacando-se aqui reportagens sobre a Lei Maria da Penha e sobre um crime de grande repercussão ocorrido na cidade de Paracuru. Das 70 notícias, 20% foram manchete no dia da sua veiculação no jornal, sendo em sua maioria referentes ao crime do Paracuru e suas várias repetições temporais ao longo da investigação do crime.

Mais de 50% das notícias ocuparam, pelo menos, 1/4 de página. São predominantemente referentes a crimes de grande repercussão pela posição social dos indivíduos envolvidos – o caso do Paracuru, que envolvia pessoas pertencentes a classe alta, notícias sobre o caso Elisa Samúdio etc. – levando-se em consideração as repetições em diversos cadernos de um mesmo número do jornal. Ocorre, pois, uma escolha de classe sobre o que deve ou não ser noticiado, o que chama mais a atenção da população, o que dá maior audiência e, consequentemente, rentabilidade aos que vendem notícias.

No tocante à repetição, 6% das notícias aparecem duas vezes e 16% três vezes em ambos os jornais. Chama a atenção as 22 notícias (31%) que se repetiram cinco ou mais vezes, no entanto, a maioria destas repetições eram sobre o mesmo caso: “O crime na cidade de Paracuru”.

Este caso, em específico, foi de grande repercussão no estado do Ceará. Um crime que chocou a população, não só pelo feminicídio mas pelo assassinato da menor e filha do ofensor. Não

obstante, outros casos tão chocantes para a população quanto[6] este, não obtiveram tanta repercussão ou atenção da mídia, por isso chama-se a atenção para a classe social na qual este crime ocorreu. Os envolvidos no crime do Paracuru eram de classe alta, pessoas com formação superior e relativa estabilidade financeira. Enquanto que em grande parte dos outros crimes, os envolvidos pertenciam a classes mais baixas, com relativo grau de vulnerabilidade social.

Com relação a veiculação de imagens, em 60% dos casos, estas notícias possuíam algum retrato. Destes, 41% possuíam apenas uma fotografia, 10% três e 3% possuíam quatro ou mais. Destas, as que mais se repetiam eram de casos que envolviam indivíduos de classe média ou alta.

Constata-se que os crimes ocorridos em classes mais altas são os que mais geram notícias, ou repetições sobre o andamento da investigação – mesmo que estes não sejam a maioria dos crimes noticiados –, seja por que há uma supervalorização dos mais abastados ou porque estes são os casos que geram mais retorno em compras de jornais, audiência etc., para os grupos midiáticos.

Em relação ao conteúdo das reportagens, em 44% dos casos eram notícias-crime – sendo veiculadas pela primeira vez nos jornais, em 34% eram crimes anteriores (ocorridos em outra época ou algumas semanas antes) e 22% eram reportagens sobre violência doméstica e familiar ou feminicídio.

Os jornais demonstram preocupação em informar a população sobre os principais debates da sociedade sobre a violência contra a mulher, mesmo que não façam uma discussão aprofundada quanto às causas do fenômeno social. Há especial destaque a notícias que tratam apenas de divulgação da lei e do funcionamento do Judiciário em relação aos casos de violência doméstica e familiar contra a mulher.

3.3 As representações sociais dos crimes contra mulheres

Relacionando os dados das notícias com os perfis das vítimas e dos agressores, é possível notar que o perfil socioeconômico da vítima na notícia é de uma mulher jovem, pobre, com filhos, vitimada em local doméstico, que possui ou possuía uma relação de afetividade com seu ofensor –

[6] Jornal Diário do Nordeste, 21 de agosto de 2015. “Marido mata mulher a facadas”. O crime ocorreu na cidade de Chorozinho, interior do estado, na presença dos filhos do casal.

caracterizando a domesticidade da violência. Detalhes sobre sua escolarização, situação de trabalho, local de moradia e uso de psicoativos pouco aparecem nas notícias. Levando-se em consideração a classe social dessas vítimas, é fácil deduzir uma situação de vulnerabilidade.

Os crimes são representados como brutais, ocorrendo majoritariamente durante a madrugada, demandando a necessidade de atendimento 24h nas Delegacias de Defesa da Mulher.

As notícias confirmam a motivação do crime em decorrência do gênero da vítima, em consequência de ciúmes ou não conformação do homem com o fim do relacionamento, indicando a crença de posse do homem sobre o corpo feminino.

Quanto ao ofensor, há menos informações na notícia que permitem formar seu perfil. As únicas informações precisas dizem respeito a sua faixa etária e classe social de pertencimento; um homem adulto, pobre, com filhos e que possuía uma relação afetiva atual ou anterior com a vítima.

A escassez de informações sobre o ofensor reflete não só o caráter de notícia-crime da reportagem – visto que foi a primeira notícia sobre o crime, as primeiras informações logo após a notificação –, mas corrobora a ideia do ofensor como o outro, o ser sem características. Nas poucas vezes que informa algo sobre este – na maioria dos casos quando o ofensor é de classe alta – sempre o caracteriza como o assassino, agressor, monstro.

Cria-se com isto a representação de feminicídio como crimes excepcionais, realizado por homens covardes. Negando a realidade desta violência, que é praticada por homens comuns, moldados dentro de uma cultura machista onde veem a mulher como objeto, logo passível de posse.

O espaço ocupado pela notícia no jornal depende não só da repercussão do caso, mas das partes envolvidas, visto que de todos os periódicos analisados, as notícias que mais se repetiram e possuíam fotos e informações sobre o andamento das investigações eram referentes a crimes cometidos por pessoas que possuíam algum poder aquisitivo, pertenciam à classe mais abastada, tais como empresários, moradores de bairros nobres da cidade.

Contrapor dois casos como um que diz do ocorrido no dia 21 de agosto, isto é o do marido que assassinou a mulher a facadas na presença dos filhos[7] e outros ocorrido no dia 24 de agosto, qual

[7] Notícia do dia 21 de agosto de 2015. Aparece uma única vez no jornal Diário do Nordeste. Não há nenhuma citação do caso no jornal O Povo.

seja o do marido que matou a mulher e a filha utilizando-se de uma arma de fogo[8]. Este último obteve mais atenção da mídia. Inicialmente, os dois crimes foram brevemente noticiados no dia posterior a sua ocorrência, no entanto, o segundo – ocorrido no dia 24 de agosto – obteve mais repercussão. Pode-se concluir que isso ocorreu devido o casal ser residente em Fortaleza, ser classe média alta. No crime ocorrido no dia 21, o casal residia no interior do Estado, pobres, com profissões pouco valorizadas – dona de casa e agricultor – e escolarização precária.

O crime ocorrido no dia 24 de agosto se repetiu uma infinidade de vezes em cada um dos jornais analisados, ocupando em média metade da folha do periódico, com imagens dos envolvidos, descrições detalhadas de como se deu e como o crime estava sendo investigado, buscando traçar um perfil do casal. Mas, sem qualquer discussão mais ampla sobre a condição da mulher na sociedade, sobre atitudes que podem diminuir os índices de violência, sobre a cultura patriarcal e machista.

Pelo contrário, as matérias sobre as vítimas e agressores veiculados, reforçam representações sociais que estigmatizam as camadas pobres da população e raramente fazem a ligação da violência à construção social de homem e mulher. Tratam de espetacularizar essa violência por meio da apresentação de casos que aparecem como excepcionais, de agressores como "monstros", cujo comportamento não é associado à realidade, ao contexto social em que ele está inserido.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pretendido inicialmente, buscou-se entender nesse trabalho quais são *as representações sociais veiculadas nos jornais cearenses acerca do assassinato de mulheres*, *o feminicídio*. Para tanto, foi proposta uma série de questões para serem aplicadas às notícias.

A abordagem do trabalho se deteve na análise de relações de gênero que acarretam em discriminação e violência. Foi constado que a mídia exerce uma dupla função, tanto no que diz respeito à construção social dos papéis de gênero, quanto a reprodução das relações de classe. Igualmente, corrobora a representação de feminicídios como crimes excepcionais, não fornecendo dados sobre o agressor, caracterizando-o sempre como outro. Negando a realidade desta violência,

[8] Notícia do dia 23 de agosto de 2015. É noticiada inúmeras vezes nos dias seguintes ao crime, tanto no jornal Diário do Nordeste, como no jornal O Povo. Ver quadro 1 e 2.

que é praticada por homens comuns, moldados dentro de uma cultura machista, que veem a mulher como objeto, logo passível de posse.

Sem um debate necessário, tratando esses crimes como casos *sui generis*, a mídia pouco contribuirá para transformar as representações sociais sobre o feminicídio e as relações de gênero que o determinam. A julgar pelo potencial que as notícias de feminicídio possuem em chamar a atenção de leitores de jornais, parece urgente que eles se empenhem menos em espetacularizar os casos e mais em difundir ideias que contribuam para coibir a violência de gênero da qual a mulher é vítima.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁGICAS

ALEXANDRE, M. **Representação social:** Uma genealogia do conceito. Comum, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, julho/dezembro 2004.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

CARVALHO, D. W.; FREIRE, M. T.; VILAR, G. **Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil.** Ver. Panam Salud Publica. 2012:31(5):435-8.

CAVALCANTI, L. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. de S. **Representações sociais de profissionais da saúde sobre violência sexual contra a mulher: Estudo em três maternidades públicas municipais do Rio de Janeiro, Brasil.** Cad. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 31-39, Jan. 2006.

CRUZ, T. M. F. **A influência da mídia na percepção da violência: as comunicações e denúncias à Central de Emergência 190.** Monografia. UFSC: Florianópolis, 2009. 82p.

GOMES, P. G. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Rev Famecos (Online).** Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio/jun/jul/ago 2016.

JODELET, D. (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MARCONDES FILHO, C. **O capital da notícia** (jornalismo como produção social da segunda natureza). São Paulo: Ática, 1986.

MINAYO, M. C. S. Conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.) **Texto sem representações sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 89-111.

MOSCOVICI, S**. Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2015. 11 ed.

OLIVEIRA, Joelma Da S. **As representações sociais da mídia impressa sobre os direitos humanos e a cidadania da criança e do adolescente**. Monografia. UFPB: João Pessoa, 2003. 126p.